

# CADERNOS 29

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Especial Japão

# Uma proposta de tradução do conto infantojuvenil *Tebukuro wo kaini* de Niimi Nankichi voltada à leitura em voz alta em oficina destinada a crianças e jovens

Camila Guilherme da Silva Eleuterio  
Universidade de São Paulo (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo oferece ao público brasileiro uma tradução inédita feita diretamente da língua japonesa do conto infantojuvenil *Tebukuro wo kaini* (1933) [Indo comprar luvas], de Niimi Nankichi<sup>2</sup> (1913-1943). Esta tradução foi originalmente produzida com o intuito de ser lida por mim em voz alta na primeira oficina da obra de Niimi Nankichi realizada no Brasil ocorrida em 12 de novembro de 2023 no Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social), em São Paulo (SP). Seu público-alvo foi, por ordem prioritária, crianças, jovens e adultos. Para auxiliar os participantes a visualizarem as cenas da narrativa, que figura tanto elementos raros para os brasileiros como neve e raposas quanto referências culturais japonesas, utilizamos gestual e entonação, além de um exemplar de um livro ilustrado da mesma, em japonês. Para a presente publicação, no entanto, algumas adaptações foram feitas para tornar a leitura autônoma mais prazerosa. Na primeira parte deste artigo, expomos reflexões sobre o processo de tradução de *Tebukuro wo kaini*, os embates

---

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Neide Hissae Nagae. Financiada pela CAPES, a pesquisa investiga a literatura infantojuvenil japonesa moderna de Niimi Nankichi em diálogo com a filosofia da não violência, buscando compreender como esses textos podem contribuir para a formação de valores e para a construção de uma sociedade mais cooperativa e compassiva. E-mail: [camilaeleuterio@usp.br](mailto:camilaeleuterio@usp.br)

2 Adotamos a ordem de nomes japonesa, ou seja, sobrenome seguido de nome.

enfrentados e as mudanças que foram feitas depois da oficina. Na segunda parte, apresentamos a tradução propriamente dita, seguida pelo texto-fonte em língua japonesa.

**Palavras-chave:** Niimi Nankichi; *Tebukuro wo kaini*; Indo comprar luvas; Tradução; Literatura infantojuvenil japonesa moderna.

**Abstract:** This paper aims to present to Brazilian readers a translation of the Japanese children's story "Tebukuro wo kaini" (1933) [Buying Gloves] written by Niimi Nankichi (1913-1943). This originally was made to be read out loud by me at the first Niimi Nankichi workshop held in Brazil on November 12, 2023 at Bunkyo (Brazilian Society of Japanese Culture and Social Assistance), in São Paulo (SP), whose target audience was children, young people and adults (listed by priority order). Gestures, intonation and a copy of an illustrated book of the same narrative were used in order to help the audience visualizing the scenes of the narrative, which featured rare elements for Brazilians such as Japanese cultural references, snow and foxes. For this publication, some adaptations were made for the sake of autonomous reading. Also, some improvements were implemented. In the first part of this article, we present reflections on the translation process of the narrative, the challenges faced and the changes that were made after the workshop. In the second part, we present the translation, followed by the source text in Japanese.

**Keywords:** Niimi Nankichi; *Tebukuro wo kaini*; Buying Some Gloves; Translation; Japanese Modern Children's Literature.

## Introdução

Niimi Nankichi (1913-1943) e seu trabalho com a literatura infantojuvenil ainda não é muito conhecido no Brasil. Porém, oitenta e um anos após a sua morte, ainda podemos perceber as reverberações de sua obra, sobretudo no imaginário japonês. Prova disso é o conto "Queimar celeiros" do escritor japonês contemporâneo Haruki Murakami<sup>3</sup> que referencia o conto infantojuvenil *Tebukuro wo kaini* [Comprando luvas] de Nankichi. Essa e outras histórias suas têm figurado nos livros didáticos japoneses há décadas, fazendo-se presentes por gerações. Frutos de um Japão anterior aos ataques de bombas atômicas, suas narrativas contêm inocência e uma busca pelo amadurecimento pautada pelos valores japoneses. Posto isso, quais estratégias podemos adotar para traduzir *Tebukuro wo kaini* a contento, evitando perdas estilísticas e de valor cultural em seu novo contexto de leitura? Este artigo tratará desta pesquisa.

---

3 Disponível no Brasil. Pode ser encontrado no livro *O elefante desaparece*, de Murakami. Tradução: Lica Hashimoto, editora Alfaguara, 2018.

De acordo com Tani (2022), Niimi é conhecido como “o escritor das raposas” e também como o “Hans Christian Andersen do Japão”, tendo como principais temáticas o amor e a tristeza. Murakami-Smith (1997), por sua vez, comenta que os temas abordados por Nankichi giram em torno de reflexões sobre maneiras pelas quais todos possam conviver em compreensão mútua respeitando as diferenças. Ele nota que Nankichi com frequência tratou dessa questão através de contrastes utilizando-se de recursos como diferenças sociais e de linguagem, destacando a presença recorrente do embate entre indivíduos de uma vila pobre contra os de uma cidade maior próxima.

Atualmente, Nankichi é um autor conhecido por retratar seres humanos e não humanos que buscam constantemente evoluir e contribuir com a sociedade. Seu conto mais famoso, “Gon, o raposinho” (2022) foi incluído nos livros didáticos japoneses em 1956 e continua até hoje (KONDO; INOUE, 2016). Outros textos seus que figuram nos livros escolares são *Tebukuro wo kaini* (tradução presente neste artigo) e *Dendenmushi no kanashimi* [“A tristeza do caracol”, 1935].

De nossa parte, entendemos que Nankichi trata de contrastes sociais sempre. Através de seus retratos dos conflitos entre tradição e modernidade, superstição e racionalidade, selvagem e civilizado, etc., ele expõe diversas desigualdades sociais. Todavia, faz isso cuidando para manter um tom lúdico próprio das crianças. Sendo assim, não é surpresa que ele tenha adotado a figura da raposa para representar o indivíduo marginalizado que anseia para ser incluído na sociedade, embora não deseje abdicar de sua identidade.

## Biografia de Niimi Nankichi

Hoje um autor reconhecido amplamente, Nankichi não teve a mesma sorte quando vivo.

Nascido Watanabe Shōhachi [渡邊 正八], Niimi Nankichi [新美南吉] foi autor de contos de ficção infantojuvenil, poeta e professor. Foi criado no interior do Japão, em Handa, uma cidade localizada a cerca de 35 quilômetros de Nagoia, capital da província de Aichi, região central do Japão. De família artesã pobre, perdeu a sua mãe aos quatro anos e foi criado pela madrasta. Apresentou dotes literários cedo. Em 1932, mudou-se para Tóquio para cursar Língua e Literatura Inglesa na Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio. Ambicionando realizar seu projeto de tornar-se um escritor de literatura infantojuvenil, frequentou círculos literários e conheceu os principais autores da época.

Avesso ao militarismo crescente, faltava constantemente aos treinos militares oferecidos em sua universidade. Isso acabou ocasionando na perda do seu direito de receber sua licença para atuar como professor quando se graduou.

Conseguiu um trabalho, mas a fragilidade de sua saúde fez com que voltasse para a sua terra natal para se recuperar. Sua estabilidade financeira viria com o emprego fixo de docente em uma escola para moças que conseguiu através de um professor antigo seu, já que não tinha licença.

Ao longo da carreira conseguiu publicar vários contos e poemas em revistas especializadas e alguns jornais, porém seu reconhecimento financeiro só começou a chegar em 1941, quando uma editora o procurou para que escrevesse a biografia do monge e poeta Ryōkan, e depois, em 1942 quando é publicado o livro *Ojiisan no Ranpu* (*A lamparina do vovô*), uma coleção dos seus contos infantojuvenis. Todavia, nessa época os conflitos armados nos quais o Japão se envolvia aumentavam e a saúde de Nankichi deteriorava-se rapidamente, ocasionando-lhe grande descontentamento. O que lhe trazia alegria era a convivência com as alunas, com quem partilhava o amor pela poesia. Porém, precisou se afastar da escola devido à sua piora de saúde. À medida em que se aproximava da morte, passou a dedicar-se febrilmente à criação do maior número de obras que pôde. Faleceu aos 29 anos de tuberculose (TORIGOE, 1989).

## Niimi Nankichi no Brasil

Niimi Nankichi é praticamente um autor inédito no Brasil. Até o presente momento temos os seguintes contos traduzidos e publicados aqui: “Gon, o raposinho” (*Gongitsune*), traduzido por mim, Camila Eleuterio, e publicado pela revista Nikkei Bungaku (11/2022); “Verrugas” (*Ibo*), traduzido por Karen Kazue Kawana e publicado pela revista Nota do Tradutor (12/2016) e “Gongitsune” (o título original foi mantido) traduzido por Ruchia Uchigasaki e Allan Mendonça e publicado na revista Hon no Mushi – Estudos multidisciplinares japoneses em 2016.

Em 2020, conheci a obra do escritor japonês de literatura infantojuvenil Niimi Nankichi através de Lídia Harumi Ivasa, tradutora e mestra em literatura japonesa pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP, que na ocasião liderava um grupo de tradução dos contos de Nankichi. Ali dei meus primeiros passos na tradução literária e tive o contato inicial com a literatura infantojuvenil japonesa. Após a finalização dos trabalhos do grupo em 2021, dei continuidade às leituras de Nankichi. Então, entrei como mestranda

no Programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa (USP) com o intuito de aprofundar os estudos a seu respeito, focando na análise dos valores humanistas presentes em sua obra. Também com o intuito de ampliar a divulgação de Nankichi no Brasil, tenho realizado traduções de seus contos, pois há escassez de obras suas traduzidas para o português brasileiro.

## Objetivos da tradução do conto *Tebukuro wo kaini*

Esta tradução do conto *Tebukuro wo kaini* foi feita com o objetivo de ser lida em voz alta na primeira oficina sobre Niimi Nankichi do Brasil. Buscamos nos manter próximos das características do estilo literário do escritor, que é dotado de fluidez textual e estima ao linguajar das crianças, adaptando e explanando quando necessário, a fim de proporcionar ao público tanto a experiência estética literária quanto a imersão cultural, respeitando a cultura japonesa e o contexto histórico no qual a obra foi composta.

Para realizarmos essa tradução, utilizamos quatro versões de *Tebukuro wo kaini*, sendo um o nosso texto principal e os outros três auxiliares, além de nos apoiarmos nas ideias de Paulo Henriques Britto em sua obra *A tradução literária* (2012). O texto de partida principal se encontra disponível *online* no Aozora Bunko, um site japonês em que textos literários em domínio público são disponibilizados gratuitamente. Os demais textos que nos apoiaram foram: o de um exemplar de um livro ilustrado de *Tebukuro wo kaini* de 2005 (útil para entender melhor o ritmo narrativo através da separação das cenas), o de um livro que é a coleção completa dos contos infantojuvenis de Niimi Nankichi de 1989 (particularmente conveniente para realizar a tradução devido às notas explicativas e ilustrações) e o que se encontra no vol. 2 das obras completas de Niimi Nankichi de 1980 (por ser o original transcrito de Nankichi, foi bom para confirmarmos certos termos).

## Resumo da trama

Contada por um narrador onisciente, a história se desenvolve no período de um dia começando de manhã e terminando à noite. Há dois cenários principais: a montanha e a cidade. O personagem principal é um filhote de raposa e o segundo personagem mais importante é a sua mãe, também uma raposa. Em seguida temos os seguintes seres humanos: um camponês, o dono de uma

loja de chapéus e uma mãe humana com um filho humano. Há menção de uma terceira raposa também.

A trama é centrada nas primeiras experiências que um filhote de raposa tem, e que resultam no descobrimento da realidade que o cerca e no desenvolvimento de sua autonomia.

## Desafios práticos da tradução de *Tebukuro wo kaini*

O primeiro desafio com o qual nos deparamos foi a transposição do linguajar direcionado às crianças falantes da língua japonesa para as que falam português brasileiro.

Começando pelo uso do pronome de tratamento “-sama” (さま) para se referir ao sol e às estrelas. Essa forma de tratamento japonesa não tem um equivalente adequado na língua portuguesa, sendo necessário adaptar a tradução de acordo com o contexto. Ela denota respeito e formalidade, sendo utilizada para divindades, realeza e às vezes clientes. O narrador, ao explicar ao leitor o fenômeno natural que é o brilho intenso decorrente do encontro dos raios solares com a neve, utiliza o termo “ohi-sama” お陽さま (Senhor Sol). Mais tarde, o raposinho se refere às estrelas como “ohoshi-sama” お星さま (Senhoras Estrelas). Nos encontramos em uma encruzilhada entre a cultura de partida e a de chegada. Aqui no Brasil, quando conversamos sobre estrelas com crianças, usamos o diminutivo “estrelinha”, “sol” e “solzinho” expressando afeto e proximidade, enquanto no Japão expressa-se reverência. Porém, não falamos com frequência “solzinho” com as crianças. Qual seria a equivalência? A saída foi buscar manter de alguma forma a cultura japonesa adotando uma expressão distanciada na referência ao sol, “Senhor Sol”, enquanto atentando para manter certa familiaridade vocabular infantil brasileira em “estrelinha”.

Entretanto, essa escolha nos inquieta pois hierarquiza o sol e as estrelas, o que acaba marcando e reforçando a desigualdade dos papéis sociais masculino e feminino da nossa sociedade, algo inexistente no texto de partida. Na mitologia japonesa, inclusive, a divindade solar é a deusa Amaterasu, a mais importante do panteão nipônico. Tendo esses fatos em vista, compensamos o desequilíbrio de gênero através de uma outra passagem da história. É a em que o narrador conta sobre uma vez em que a raposa mãe foi até à cidade dos humanos e acabou quase sendo morta. Nessa ocasião, ela vai passear até lá na companhia de uma outra raposa. Porém, a narrativa não deixa claro se seria um macho ou fêmea e na língua



japonesa a palavra raposa, “kitsune”, é neutra. Para contrabalancear as escolhas anteriores hierarquizantes, decidi marcar a diferença de gênero nessa situação e escolhi tornar o(a) amigo(a) da raposa mãe um raposo.

Ainda sobre masculino/feminino, houve o problema de traduzir 子狐 “kogitsune” (filhote de raposa) marcando o seu gênero ou não, algo que já tínhamos enfrentado na tradução de “Gon, o raposinho”, pois na língua japonesa os substantivos não têm gênero masculino e feminino como em português, porém tendo em vista o nome do raposinho, que soa masculino, acabamos optando por marcar. Dessa vez, o raposinho não tem nome, mas tendo em vista que Nankichi empregou protagonistas masculinos em suas principais obras, acabamos optando por marcar como gênero masculino.

Tanto a mãe raposa quanto o filhote raposa são retratados de uma maneira que mistura a cultura das raposas com a dos humanos. Eles moram na montanha, em uma toca. Se locomovem sobre as quatro patas. Porém, desde o início, eles falam entre si como uma família humana falaria, fato que nos colocou frente a certas encruzilhadas.

É o caso de Nankichi ter empregado os termos “mãos” e “pernas” no lugar de “patas” ao se referir aos membros de locomoção das raposas.

Em japonês, existe o termo *maeashi* 前足 (patas da frente) para se referir às patas da frente do animal, mas dependendo da situação, como no caso de falar sobre animais domésticos, os falantes de japonês podem utilizar *te* 手 (mãos). Após consultar diversos falantes de japonês, tanto nativos, quanto brasileiros, acabamos optando por manter a intenção do autor, embora nos cause estranheza.

Além das mãos/patas, outra parte do corpo que suscitou dúvida de qual seria a melhor forma de tradução foi “peito” (jap.: *mune* 胸). O texto contém a frase “*nemure nemure/haha no mune ni*” (ねむれ ねむれ 母の胸に), literalmente “dorme dorme no peito da mamãe” e logo depois diz, literalmente, “dorme dorme nas mãos da mamãe” (*nemure nemure/haha no te ni* ねむれ ねむれ 母の手に), o que pode causar estranheza para o público brasileiro. O mais usual para nós brasileiros é falar sobre “dormir no colo”, porém se optássemos por isso, poderíamos confundir o leitor pois “colo” em português denota tanto a área entre o busto e o pescoço quanto a que se forma acima dos joelhos quando nos sentamos. E como o texto aproxima “peito” e “mãos”, acabei imaginando que estivessem formando a imagem da mãe embalando o filho entre os seus braços, próximo ao peito, então, para este artigo, optei por: “Dorme, dorme/ No peito da mamãe/ Dorme, dorme/ Nos braços da mamãe”.



Porém, essa não foi a solução apresentada na oficina. O problema era que essa passagem não tinha somente uma questão relacionada ao corpo, mas também à problemática da tradução da rima. As notas das edições consultadas afirmam que essa canção de ninar é de Schubert, porém não dão informações sobre a sua adaptação à língua japonesa, nem quando foi popularizada, por isso, a princípio imaginei que fosse feita por Nankichi, no entanto, pesquisas indicaram que não. Então, detendo a informação de que essa canção de ninar era popular na época dele e continua sendo nos dias de hoje, imaginei que houvesse alguma versão para o português ou outras línguas latinas que pudessem me auxiliar na transcrição dessa rima, porém não obtive sucesso. A partir disso, para a tradução a ser apresentada no dia da oficina, optei por “dorme dorme no peito da mamãe / dorme dorme no **colo** da mamãe”, pois em alguma medida estaria mantendo a rima e também pela familiaridade do público infantil com o termo “colo”. Já na ocasião da revisão da tradução para o presente artigo, optei pela solução apresentada no parágrafo anterior, pois achei mais próxima do original.

Ainda sobre essa canção, acabei optando por apresentar ao público o texto tanto em língua japonesa quanto em portuguesa, pois no original ela é uma obra dentro de uma obra, portanto, não faria sentido tirar essa camada de significado, a não ser que a narrativa assim o justificasse.

Outro desafio presente no texto-fonte foi a presença de onomatopeias, algo que a língua japonesa tem em abundância e que, muitíssimas vezes, não há equivalência em português. Em vez de eliminar essas ocorrências na tradução ou inventar novas, optei por manter e marcá-las em *itálico*. *Dota dota! ZA!*, por exemplo, descreve o som de um monte de neve deslizando e caindo de uma vez.

Acerca do conhecimento necessário para a apreciação da narrativa, é importante refletirmos sobre o uso das notas de rodapé. Por um lado, no Brasil elas não são algo praticado nas traduções de obras infantojuvenis, a não ser nas edições comentadas. Por causa desse costume, é melhor incorporamos as notas ao texto principal, a fim de otimizar a legibilidade. Por outro lado, é interessante notar que mesmo edições voltadas ao público jovem, como *Niimi Nankichi Dōwa Taizen* (Contos Completos de Niimi Nankichi), de 1989, publicada pela editora Kodansha, contêm notas explicativas (acompanhadas de ilustrações).

Quando Nankichi escreve que “a mãe raposa e o filho raposo de pelos prateados saíram da toca” (*oyako no gingitsune wa horaana kara demashita* 親子の銀狐は洞穴から出ました), será que ele queria dizer que as raposas tinham pelagem branca ou que ela tinha ficado prateada devido aos reflexos da luz da lua? Conhecendo o estilo do escritor, entendemos que ele prioriza sempre a descrição

física do entorno dos personagens, deixando as características físicas deles vagas. O que nos ajudou a entender melhor essa passagem foi a nota incluída nessa edição mencionada, que explica que as raposas eram do tipo de pelagem vermelha, mas que havia ficado com reflexos prateados por causa da incidência da luz da lua na neve. Por isso, incorporamos essa nota ao texto, aumentando o original para: “Mamãe e filhote saíram da toca. Seus pêlos avermelhados **pareciam** ter se tornado **prateados por causa do brilho da neve**” (os grifos indicam as informações que não constavam no original).

Na passagem em que o narrador fala que a noite se estendeu sobre a planície como um *furoshiki*, decidi não eliminar essa menção, mas adicionar a explicação ao texto, entre parênteses, como se fosse um contador de histórias fazendo essa pausa, pois gostaria que o leitor percebesse que o *furoshiki* não é um pano comum, mas algo utilizado para embrulhar presentes, transportar *obentô* (marmita japonesa), entre outros.

Essa mesma cena ainda tem outro impasse que é a repetição do termo “branco”:

A noite escuríssima estendeu sobre a planície e sobre a floresta uma sombra semelhante a um *furoshiki* (aquele tecido bonito usado para embrulhar presentes, sabe?) e as envolveu, mas por mais e mais que as envolvesse a neve estava tão **branca** que a cor **branca** aparecia novamente.

(grifo nosso)

Manter o termo “branca” e arriscar ter sua tradução interpretada como carente de riqueza vocabular? Ao longo do texto-fonte a repetição de vocábulos é onipresente e em diversos trechos, adaptei e variei o vocábulo, porém, nessa passagem, não encontrei solução que parecesse fazer jus ao original. O estilo narrativo emprega um tom quase conversacional, lembrando um contador de histórias, mas nem por isso deixa de enriquecer o universo da criança com uma palavra como “cobalto” ao descrever a cor das pegadas deixadas pelas raposas na neve. Além disso, a repetição é um artifício para manter a atenção do público infantil, que tende a ser sensível à variedade de estímulos do ambiente. Na verdade, a repetição é algo importante no desenvolvimento das crianças devido a diversos fatores. É através da repetição de palavras que elas aprendem a sua língua nativa, também é através da imitação dos sons de animais próximos como passarinhos, cachorros e gatos (que tendem a serem repetitivos) que elas se familiarizam com o mundo. E quando estão dentro do útero, crescem em meio ao ritmo repetitivo do coração da mãe.

Olhando pelo lado de Nankichi, ritmo e música são constantes em suas obras, muitas vezes indicando algo que está acontecendo através de sua descrição sonora e não visual, como é o caso da passagem de “Gon, o raposinho”, em que Gon ouve a percussão budista ressoando de uma casa e deduz que ali estava acontecendo uma prece em grupo. Quanto à repetição como um recurso importante na comunicação infantil, Nankichi pesquisava esse aspecto através do trabalho de outros autores, mas, principalmente, na interação que tinha com crianças. Antes de ingressar na faculdade, ele trabalhou como professor temporário e as observou atentamente. Sendo assim, acredito que mantendo algumas repetições do texto-fonte de certa forma estamos contribuindo para que as intenções de Nankichi ao criar esta obra sejam observadas ao apresentá-la aos brasileiros.

Esperamos que a leitura seja proveitosa e nos disponibilizamos para ouvir os comentários dos leitores.

## Referências bibliográficas

BRITTO, Paulo Henriques. A tradução literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. [Recurso eletrônico]

INOUE, Shuji e KONDO, Akira. Niimi Nankichi “Gongitsune” no kenkyū. Boletim mensal da Universidade de Curta Duração Toyooka, Hyōgo. Ed. Nº 13, p. 79-88, 2016. Disponível em: <https://cir.nii.ac.jp/crid/1520853832920341248>.

MURAKAMI, Haruki. “Queimando celeiros”. In: O elefante desaparece. Trad.: Lica Hashimoto. São Paulo: Alfaguara, 2018.

MURAKAMI-SMITH, Andrew Ladd. Dialects and Place in Modern Japanese Literature. Dissertação de doutorado. Princeton University. 1997.

NIIMI, Nankichi, ilustrado por Wakayama Ken. “Tebukuro wo kaini”. Tóquio: Popurasha, 2005.

NIIMI, Nankichi. “Tebukuro wo kaini”. In: *Niimi Nankichi Dōwa Taizen* (Contos Completos de Niimi Nankichi). Editor: Katō Katsuhisa. Tóquio: Kodansha, 1989, p. 162-166.

NIIMI, Nankichi. “Tebukuro wo kaini”. In: *Kōtei Niimi Nankichi Zenshū*. Tóquio: Da-iNippon Toshō, 1980. v. 2. p. 210-213.

TANI, Etsuko. Niimi Nankichi – Ai to Kanashimi wo Egaita Dōwa Sakusha. Denki wo Yomō. Tóquio: Akane Shobo, 2022.

TORIGOE, Shin. “Niimi Nankichi no hito to sakuhin (Niimi Nankichi: a pessoa e sua obra)”. In: *Niimi Nankichi Dōwa Taizen* (Contos Completos de Niimi Nankichi). Ed.: Katō Katsuhisa. Tóquio: Kodansha, 1989, p. 373-377.

## Sites

GOOD Wife, Wise Mother. English Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Good\\_Wife,\\_Wise\\_Mother](https://en.wikipedia.org/wiki/Good_Wife,_Wise_Mother). Acesso em 17 set. 2024.

KOMORIUTA (Shūberuto). Wikipédia Japão. Disponível em: [https://ja.wikipedia.org/wiki/%E5%AD%90%E5%AE%88%E6%AD%8C\\_\(%E3%82%B7%E3%83%A5%E3%83%BC%E3%83%99%E3%83%AB%E3%83%88\)](https://ja.wikipedia.org/wiki/%E5%AD%90%E5%AE%88%E6%AD%8C_(%E3%82%B7%E3%83%A5%E3%83%BC%E3%83%99%E3%83%AB%E3%83%88)). Acesso em 17 set. 2024.

KONDŌ Sakufū. Wikipédia Japão. Disponível em: <https://ja.wikipedia.org/wiki/%E8%BF%91%E8%97%A4%E6%9C%94%E9%A2%A8>. Acesso em: 17 set. 2024.

KOTOBANK. Disponível em: <https://kotobank.jp/>. Último acesso em: 21 ago. 2024.

NEMURE Nemure Haha no Mune Ni – Haha to Ko wo Tsunagu ‘Komoriuta’ ni Kome-rareta to Omoimasuka? Nemuri wo Sasō Ongaku no Himitsu ni Semarimasu. Kurashikku – Koremade no Hōsō. Disponível em: <https://www.nhk.or.jp/lalala/archive130511.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

NIIMI Nankichi Kinenkan. Disponível em: <http://www.nankichi.gr.jp/index.html>. Acesso em: 27 abr. 2024.

EM Chamas (2018). IMDB, 2018. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt7282468/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TEBUKURO wo Kaini. Aozorabunko. Disponível em: [https://www.aozora.gr.jp/cards/000121/files/637\\_13341.html](https://www.aozora.gr.jp/cards/000121/files/637_13341.html). Acesso em: 22 abr. 2024.

WIEGENLIED. World Folk Song. <https://www.worldfolksong.com/classical/schubert/wiegenlied.html>. Acesso em: 22 abr. 2024.

## Indo comprar luvas

Niimi Nankichi

(Tradução de Camila Guilherme da Silva Eleuterio)

Um vento frio vindo do norte chegou à floresta onde moravam a mamãe raposa e seu filhote raposinho.

Certa manhã, o raposinho estava saindo de sua toca, mas gritou:

— Ah!

E rolou com os olhos tampados até onde a mãe estava e disse:

— Mamãe, tem algo espetando o meu olho! Tira pra mim rápido! Rápido!

A mãe se assustou. Toda atrapalhada, apreensivamente tirou dos olhos do filhote as suas mãozinhas que os cobriam. Mas não havia nada os espetando.

Só quando a mamãe raposa saiu da toca que entendeu o motivo. Ao longo da noite passada havia nevado e uma neve alvíssima havia ficado acumulada. Como o Senhor Sol estava projetando os seus raios nela, ela cintilava tanto que ofuscava a vista. Quando esse brilho atingiu os olhos do filhote, ele achou que havia algo espetando-os porque ainda não conhecia a neve.

O raposinho foi brincar. Quando corria de um lado para outro na neve macia como algodão, espalhava ela para tudo quanto é lado e as suas partículas de repente refletiam pequenos arcos-íris.

E então, do nada, ouviu-se um barulhão assim:

*Dota dota! ZA!* — um montão de floquinhos de neve parecidos com farinha de pão *panko* delicadamente cobriu o filhote. Ele se assustou, tentou rolar e fugiu uns dez metros para o outro lado. “O que será?” — pensou e olhou para trás, mas não tinha nada. Um bolo de neve tinha caído do galho de um abeto. Entre os seus galhos, pedaços de neve brancos como fios de seda ainda derretiam e caíam.

Não haviam passado nem dez minutos e o filhote retornou à toca:

— Mamãe! Minha mãozinha tá fria! Minha mãozinha tá dodói! — disse e mostrou as mãos molhadas cor de rosa-claro feito peônias à mãe.

A mãe soprou suas mãozinhas fazendo “ah ah” enquanto segurava-as envolvendo-as em suas calorosas mãos de mãe.

— Logo logo esquento, filho. Em pouco tempo esquento quando a gente toca na neve — disse, mas ficou com pena do seu filhinho tão delicado ficar com queimaduras de frio e pensou que quando anoitecesse ela iria à cidade para comprar luvas de lã adequadas para o tamanho de suas mãozinhas.

A noite escuríssima estendeu sobre a planície e sobre a floresta uma sombra semelhante a um *furoshiki* (aquele tecido bonito usado para embrulhar presentes, sabe?) e as envolveu, mas por mais e mais que as envolvesse a neve estava tão branca que a cor branca aparecia novamente.

Mamãe e filhote saíram da toca. Seus pêlos avermelhados pareciam ter se tornado prateados por causa do brilho da neve. O filhote se colocou embaixo da barriga da mãe e andou olhando para um lado e para outro enquanto piscava seus olhos redondos.

Finalmente, foi possível avistar um pontinho de luz na direção em que estavam indo. O raposinho se deparou com isso e perguntou à mãe:

— Mamãe, olha! Tem estrelinha caindo lá embaixo!

— Aquilo não é estrelinha, filho — disse a mãe. Nesse momento suas pernas se paralisaram.

— Aquilo é uma luz da cidade.

Quando viu a luz da cidade, a mãe raposa se lembrou de uma vez em que foi à cidade com um amigo e eles entraram em apuros. Mesmo dizendo a ele “Pare, por favor!”, ele tentou roubar um pato de uma granja. O dono do pato viu e os perseguiu impiedosamente. Eles conseguiram escapar por pouco.

— Mamãe, o que você está fazendo? Vamos logo! — o raposinho disse de debaixo da barriga da mãe, mas as pernas dela não se mexiam por nada.

Então, como não tinha jeito, ela decidiu mandar o seu filho ir sozinho para a cidade.

— Filhinho, dá uma mãozinha aqui — disse a mãe. Durante o tempo em que ela segurou a mão do filho, ela se transformou em uma delicada mão de criança humana. Ele experimentou abrir, fechar, beliscar e cheirar a mão humana.

— Mamãe, essa coisa é meio esquisita. Que que é isso? — disse o raposinho enquanto observava com atenção a sua nova mão de ser humano à luz da neve.

— Isso é uma mão humana, meu amor. Agora presta atenção no que a mamãe vai falar para você, filho. Quando você chegar à cidade, vai ver que tem muitas casas de pessoas. Por isso, a primeira coisa que você vai fazer é procurar uma loja que tem um letreiro com um chapéu redondo desenhado. Daí quando você achar, toc-toc, você bate na porta e diz assim: “boa-noite!” Então, uma pessoa de lá de dentro vai abrir a porta um pouquinho. Daí você vai mostrar essa mão pela fresta, está me ouvindo? Você vai mostrar essa mão de gente e vai dizer assim: “Por favor, preciso de luvas que sirvam para essa mão.” Você entendeu, meu amor? Você não pode de maneira nenhuma mostrar a sua mãozinha de raposa, tá bom? — aconselhou a mãe.

— Por quê? — perguntou o raposinho.

— Se a pessoa da chapelaria perceber que você é uma raposa, ela não vai te vender as luvas, filho. Muito pelo contrário, os humanos prendem você e te trancam em uma gaiola. Os humanos são terríveis à beça.

— Hum...

— Você não pode de maneira nenhuma mostrar a sua mãozinha de raposa, está me ouvindo? Você vai mostrar essa mão de gente, está vendo? Essa mão, 'viu? — disse a mãe raposa e colocou duas moedas de níquel na mão humana e a fechou.

O raposinho andou na direção da luz da cidade através do campo iluminado pela neve com seus passinhos de criança fazendo *yochi-yochi*. No começo, só dava para ver uma luzinha da cidade. Uma luzinha virou duas luzinhas, que virou três e foi aumentando até dez. O raposinho viu isso e pensou “Nossa, as luzes da cidade têm várias cores como as estrelinhas. Tem luz vermelha, azul, amarela...”

Finalmente ele entrou na cidade, mas as casas ao longo das ruas já estavam com as portas fechadas e somente luzes quentinhas saíam das janelas altas, iluminando a neve no chão.

Em cima de quase todos os letreiros tinha uma lâmpada pequena. O raposinho procurou o letreiro com desenho de chapéu enquanto olhava as placas. Tinha placa com desenho de bicicleta, placa com desenho de óculos, e outras. Algumas placas estavam recém-pintadas, outras placas estavam descascando como pintura de parede velha. Mas o raposinho não entendia nada disso porque era sua primeira vez na cidade.

Finalmente ele encontrou a chapelaria. Conforme sua mamãe lhe explicou, havia uma placa com o desenho de uma cartola iluminada por uma luz azul.

O raposinho fez conforme foi ensinado e, toc-toc, bateu na porta e disse:

— Boa-noite!

Então, ouviu-se uma movimentação no interior da loja até que finalmente abriram a porta só um pouquinho; da fresta aberta saiu uma luz que refletiu bem comprido no chão coberto de neve.

O raposinho ficou assustado com a luz ofuscante e acabou mostrando a mão errada — sim! Aquela mão que a mãe tinha falado tanto para não mostrar!

— Por favor! Preciso de luvas que sirvam para essa mão.

O chapeleiro ficou surpreso com isso e pensou: “Epa! Epa! Uma pata de raposa. E ela está pedindo luvas. Com certeza ela vai querer pagar com dinheiro feito de folhas de árvores!”

Então, ele disse:

— Primeiro você paga.

O raposinho entregou as duas moedas de níquel conforme solicitado. O chapeleiro segurou as moedas com seu dedão e dedo indicador e bateu uma contra a outra. Elas fizeram um bom som de *tchá-k-tchá-k*, então o homem pensou: “Isso não é feito de folha, é dinheiro de verdade mesmo.” Ele foi até o mostruário, pegou um par de luvas de lã infantis e as deu na mão do raposinho. O filhote agradeceu e começou a voltar por onde tinha vindo.



— A mamãe falou que as pessoas são assustadoras, mas não achei o homem nem um pouquinho assim. Porque mesmo ele vendo a minha mão de raposa, não fez nada comigo — pensou alto. Mas o raposinho ficou curioso para saber afinal que tipo de criatura são os humanos.

Quando ele estava passando por debaixo de uma janela, ouviu vozes de pessoas. Ai, mas que voz doce! Que voz meiga! Que voz calma!

「ねむれ ねむれ  
母の胸に、  
ねむれ ねむれ  
母の手に——」

*Nemure, nemure  
Haha no mune ni  
Nemure, nemure  
Haha no te ni...*

“Dorme, dorme  
No peito da mamãe  
Dorme, dorme  
Nos braços da mamãe”<sup>4</sup>

Quando o raposinho ouviu essa voz cantando não teve dúvidas de que era uma mãe humana cantando porque quando é hora de ele dormir sua mamãe também canta desse jeito doce o embalando.

Então, ele ouviu uma voz de criança.

— Mamãe, quando faz tão frio assim de noite os filhotinhos de raposa devem ficar falando “Ai que frio! Ai que frio!” lá na floresta, né?

Então, a voz da mãe disse:

— Acho que os raposinhos da floresta ficam dentro da toca com a mamãe deles cantando para eles dormirem, não acha? Bom, meu amor, agora é hora de você “mimir”,

---

4 “Shūberuto no Komoriuta” (Canção de ninar do Schubert). Canção de ninar (“Wiegenlied”) de 1816 do compositor austríaco Franz Schubert adaptada para a língua japonesa por Kondō Sakufu na era Meiji (1868-1912). Incluída no material de ensino de música para moças com o propósito de fomentar o ideal feminino *ryōsai kenbo* (良妻賢母) – “boa esposa e mãe sábia”, consequentemente, alcançando popularidade.

'tá bom? Quem será que vai “mimir” mais rápido? O raposinho lá da floresta ou o meu filhinho? Tenho certeza que o meu filhinho vai “mimir” mais rápido.

Quando ouviu isso, o raposinho ficou com muitas saudades de sua mãe e saiu disparado de volta para casa.

A mãe raposa estava tão preocupada esperando o retorno do seu filhote que tremia pensando “agora ele vai chegar, agora ele vai chegar”. Quando ele voltou, ela o abraçou com seus braços quentes e ficou tão feliz que quase chorou.

As duas raposas voltaram para a floresta. A lua estava alta no céu, o que fazia os seus pêlos cintilarem como pérolas e as pegadas na neve ganhavam uma cor azul escuro como cobalto.

— Mamãe, eu não tenho medo dos humanos.

— Por quê?

— É que eu acabei mostrando minha mãozinha de verdade, mas o chapeleiro não me prendeu nem nada. Ele me vendeu essas luvinhas certinho — disse o raposinho e bateu as mãos com as luvas fazendo pam-pam.

— Que isso?! — a mãe raposa ficou chocada, mas murmurou:

— Será que as pessoas são realmente boas? Será que as pessoas são realmente boas?

手袋を買いに

新美南吉

寒い冬が北方から、狐の親子の棲んでいる森へもやって来ました。  
或朝、洞穴から子供の狐が出ようとしてましたが、  
「あっ」と叫んで眼を抑えながら母さん狐のところへころげて来ました。  
「母ちゃん、眼に何か刺さった、ぬいて頂戴早く早く」と言いました。

母さん狐がびっくりして、あわてふためきながら、眼を抑えている子供の手を恐る恐るとりのけて見ましたが、何も刺さってはいませんでした。母さん狐は洞穴の入口から外へ出て始めてわけが解りました。昨夜のうちに、真白な雪がどっさり降ったのです。その雪の上からお陽さまがキラキラと照していたので、雪は眩しいほど反射していたのです。雪を知らなかった子供の狐は、あまり強い反射をうけたので、眼に何か刺さったと思ったのでした。

子供の狐は遊びに行きました。真綿のように柔かい雪の上を駆け廻ると、雪の粉が、しぶきのように飛び散って小さい虹がずっと映るのです。

すると突然、うしろで、

「どたどた、ざーっ」と物凄い音がして、パン粉のような粉雪が、ふわーっと子狐におっかぶさって来ました。子狐はびっくりして、雪の中にかくるようにして十米も向こうへ逃げました。何だろうと思ってふり返って見ましたが何もいませんでした。それは樅の枝から雪がなだれ落ちたのでした。まだ枝と枝の間から白い絹糸のように雪がこぼれていました。

間もなく洞穴へ帰って来た子狐は、

「お母ちゃん、お手々が冷たい、お手々がちんちんする」と言って、濡れて牡丹色になった両手を母さん狐の前にさしだしました。母さん狐は、その手に、は——と息をふっかけて、ぬくとい母さんの手でやんわり包んでやりながら、

「もうすぐ暖かくなるよ、雪をさわると、すぐ暖くなるもんだよ」といいましたが、かあい坊やの手に霜焼ができてはかわいそうだから、夜になったら、町まで行って、坊のお手々にあうような毛糸の手袋を買ってやろうと思いました。

暗い暗い夜が風呂敷のような影をひろげて野原や森を包みにやって来ました。雪はあまり白いので、包んでも包んでも白く浮びあがっていました。

親子の銀狐は洞穴から出ました。子供の方はお母さんのお腹の下へはいり

こんで、そこからまんまるな眼をぱちぱちさせながら、あっちやこっちを見ながら歩いて行きました。

やがて、行手にぽつりあかりが一つ見え始めました。それを子供の狐が見つけて、

「母ちゃん、お星さまは、あんな低いところにも落ちてるのねえ」とききました。

「あれはお星さまじゃないのよ」と言って、その時母さん狐の足はすくんでしまいました。

「あれは町の灯なんだよ」

その町の灯を見た時、母さん狐は、ある時町へお友達と出かけて行って、とんだめにあったことを思いました。およしなさいっていうのもきかないで、お友達の狐が、ある家の家鴨を盗もうとしたので、お百姓に見つかって、さんざ追いまくられて、命からがら逃げたことでした。

「母ちゃん何してんの、早く行こうよ」と子供の狐がお腹の下から言うのですが、母さん狐はどうしても足がすすまないのでした。そこで、しかたがないので、坊やだけを一人で町まで行かせることになりました。

「坊やお手々を片方お出し」とお母さん狐がいました。その手を、母さん狐はしばらく握っている間に、可愛い人間の子供の手にしてしまいました。坊やの狐はその手をひろげたり握ったり、抓って見たり、嗅いで見たりしました。

「何だか変だな母ちゃん、これなあに？」と言って、雪あかりに、またその、人間の手に変えられてしまった自分の手をしげしげと見つめました。

「それは人間の手よ。いいかい坊や、町へ行ったらね、たくさん人間の家があるからね、まず表に円いシャッポの看板のかかっている家を探さすんだよ。それが見つかったらね、トントンと戸を叩いて、今晚はって言うんだよ。そうするとね、中から人間が、すこうし戸をあけるからね、その戸の隙間から、こっちの手、ほらこの人間の手をさし入れてね、この手にちょうどいい手袋頂戴って言うんだよ、わかったね、決して、こっちのお手々を出しちゃ駄目よ」と母さん狐は言いきかせました。

「どうして？」と坊やの狐はききかえました。

「人間はね、相手が狐だと解ると、手袋を売ってくれないんだよ、それどころか、掴まえて檻の中へ入れちゃうんだよ、人間ってほんとに恐いものなんだよ」

「ふーん」

「決して、こっちの手を出しちゃいけないよ、こっちの方、ほら人間の手の方をさしだすんだよ」と言って、母さんの狐は、持って来た二つの白銅貨を、人間の手の方へ握らせてやりました。

子供の狐は、町の灯を目あてに、雪あかりの野原をよちよちやって行きました。始めのうちは一つきりだった灯が二つになり三つになり、はては十にもふえました。狐の子供はそれを見て、灯には、星と同じように、赤いのや黄いのや青いのがあるんだなと思いました。やがて町にはいりましたが通りの家々はもうみんな戸を閉めてしまって、高い窓から暖かそうな光が、道の雪の上に落ちているばかりでした。

けれど表の看板の上には大てい小さな電燈がともっていましたので、狐の子は、それを見ながら、帽子屋を探して行きました。自転車の看板や、眼鏡の看板やその他いろんな看板が、あるものは、新しいペンキで画かれ、或るものは、古い壁のようにはげていましたが、町に始めて出て来た子狐にはそれらのものがいったい何であるか分らないのです。

とうとう帽子屋がみつかりました。お母さんが道々よく教えてくれた、黒い大きなシルクハットの帽子の看板が、青い電燈に照されてかかっていました。

子狐は教えられた通り、トントンと戸を叩きました。

「今晚は」

すると、中では何かことごと音がしていましたがやがて、戸が一寸ほどゴロリとあいて、光の帯が道の白い雪の上に長く伸びました。

子狐はその光がまばゆかったので、めんくらって、まちがった方の手を、——お母さまが出しちゃいけないと言ってよく聞かせた方の手をすきまからさしこんでしまいました。

「このお手々にちょうどいい手袋下さい」

すると帽子屋さんは、おやおやと思いました。狐の手です。狐の手が手袋をくれと言うのです。これはきっと木の葉で買いに来たんだなと思いました。そこで、

「先にお金を下さい」と言いました。

子狐はすなおに、握って来た白銅貨を二つ帽子屋さんに渡しました。帽子屋さんはそれを人差し指のさきにつけて、カチ合せて見ると、チンチンとよい音がしたので、これは木の葉じゃない、ほんとお金だと思いましたので、棚から子供用の毛糸の手袋をとり出して来て子狐の手に持たせてやりました。子狐は、お礼を言ってまた、もと来た道を帰り始めました。

「お母さんは、人間は恐ろしいものだって仰有ったがちっとも恐ろしくないや。だって僕の手を見てもどうもしなかったもの」と思いました。けれど子狐はいったい人間なんてどんなものか見たいと思いました。

ある窓の下を通りかかると、人間の声がしていました。何というやさしい、何という美しい、何と言うおっとりした声なんでしょう。

「ねむれ ねむれ  
母の胸に、  
ねむれ ねむれ  
母の手に――」

子狐はその唄声は、きっと人間のお母さんの声にちがいないと思いました。  
だって、子狐が眠る時にも、やっぱり母さん狐は、あんなやさしい声でゆ  
すぶってくれるからです。

するとこんどは、子供の声がしました。

「母ちゃん、こんな寒い夜は、森の子狐は寒い寒いつて啼いてるでしょうね」  
すると母さんの声が、

「森の子狐もお母さん狐のお唄をきいて、洞穴の中で眠ろうとしているでし  
ょうね。さあ坊やも早くねんねしなさい。森の子狐と坊やとどっちが早  
くねんねするか、きっと坊やの方が早くねんねしますよ」

それをきくと子狐は急にお母さんが恋しくなって、お母さん狐の待ってい  
る方へ跳んで行きました。

お母さん狐は、心配しながら、坊やの狐の帰って来るのを、今か今かとふ  
るえながら待っていましたので、坊やが来ると、暖かい胸に抱きしめて  
泣きたいほどよろこびました。

二匹の狐は森の方へ帰って行きました。月が出たので、狐の毛なみが銀色  
に光り、その足あとには、コバルトの影がたまりました。

「母ちゃん、人間ってちっとも恐くないや」

「どうして？」

「坊、間違えてほんとうのお手々出しちゃったの。でも帽子屋さん、掴まえ  
やしなかったもの。ちゃんとこんないい暖い手袋くれたもの」

と言って手袋のはまった両手をパンパンやって見せました。お母さん狐は、  
「まあ!」とあきれましたが、「ほんとうに人間はいいものかしら。ほんと  
うに人間はいいものかしら」とつぶやきました。